



Jornal A Tribuna, de Santos (SP)

Quarta-feira, 24 de Junho de 2009

Afeto é mal direcionado

Da Redação

Um dos grandes perigos a que essas vítimas estão sujeitas é não perceber que estão sendo exploradas e transferirem o pouco de afeto que lhe restam para pessoas erradas. Há muitos casos, garantem os especialistas, em que os aliciadores viram suas maiores referências.

"Se ele teve um cafetão que batia e encontra um que não faz isso, acha que ele é bonzinho. Por não ter construído sua maturidade, não percebe que ele é um explorador, que usa o seu dinheiro", lamenta a professora da UniSantos Maria Izabel Calil.

Como ela não tem um acolhimento dentro de casa, procura na rua e o pouco que consegue acredita ser o suficiente para sua construção como ser humano.

"Ela acha isso na rua, é muito triste. A exploração sexual é o carinho que essa jovem conseguiu cristalizar como certo", lamenta Antônio de Pádua Serafim, psicólogo do Hospital das Clínicas, na Capital.

Além disso, esse aliciador, como comenta, vira seu maior protetor. "Ele explora mas também protege e é aí que ela acha que está tudo bem".

RESILIENTES

Muitas meninas, como diz Maria Izabel, se protegem numa espécie resiliência involuntária. "Ela não conhece outra forma de existir, de ser, a não ser a da exploração. Então acha que é a vida é realmente assim. Mas essa resiliência não se reflete no seu emocional de forma consciente".

O que as pessoas precisam entender é que uma menina que se prostitui não é igual a uma mulher adulta que vende o corpo para ganhar dinheiro. "Quando se é adulto você percebe os prejuízos e os ganhos. Mas na infância e na adolescência, não, só se enxergam as vantagens, como ter dinheiro para comprar drogas", finaliza Maria Izabel.